



ESTRATÉGIA NACIONAL
DE INVESTIGAÇÃO E INOVAÇÃO
PARA UMA ESPECIALIZAÇÃO INTELIGENTE
2014-2020

DOCUMENTO DE TRABALHO N. 2

Diagnóstico de Apoio às Jornadas de Reflexão Estratégica

EIXO TEMÁTICO 5 - SAÚDE, BEM-ESTAR E TERRITÓRIO

ICC – Indústrias Culturais e Criativas



O Valor das Indústrias Culturais e Criativas

Europe needs to invest more in its cultural and creative sectors because they significantly contribute to economic growth, employment, innovation and social cohesion.

Comissão Europeia (2012)

Indústrias Criativas são “as actividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento e com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual.”¹

O desafio da aposta nas indústrias criativas passa por conceber o desenvolvimento das regiões através da ligação entre a economia e a cultura, combinando aspetos económicos, culturais, sociais e tecnológicos. Trata-se de criar, com base na criatividade e propriedade intelectual, produtos e serviços distintivos, que permitam o reposicionamento na cadeia de produção mundial, atraindo e retendo talento e capital para um desenvolvimento económico sustentável.²

As indústrias criativas constituem, assim:

- Fator estratégico de competitividade;
- Sector gerador de emprego e riqueza;
- Meio de reforço da cidadania;
- Alavanca de coesão social e territorial;
- Veículo de afirmação internacional das comunidades³.

O conceito de Indústrias Culturais e Criativas (ICC) é vasto e diverso e abarca um conjunto de atividades que têm em comum a utilização da criatividade, do conhecimento cultural e da propriedade intelectual como recursos para produzir bens e serviços com significado social e cultural, como sejam as artes performativas e visuais, o património cultural, o artesanato e a joalheria, o cinema, a rádio, a televisão, a música, a edição, o software educacional e de entretenimento e outro software e serviços de informática, os novos Média, a arquitetura, o *Design*, a moda e a publicidade.

¹ Conceito de Indústrias criativas, originalmente desenvolvido pelo Department of Culture, Media and Sports (UK DCMS) in FLEMING (Tom) et al, Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte, Fundação Serralves, Julho de 2008.

² FLEMING (Tom) et al, Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte, Fundação Serralves, Julho de 2008.

³ Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

Apresenta algumas características diferenciadoras face aos restantes setores da economia, designadamente:

- É um setor constituído maioritariamente por indivíduos, microempresas e PME que trabalham em cadeias de fornecimento complexas, que combinam atividades comerciais com atividades pré-comerciais (ou mesmo anticomerciais) e que dependem, em grande parte de redes informais por onde fluem as ideias criativas.
- Constitui muitas vezes negócios de nicho altamente especializados que criam valor pela conjugação de inovação tecnológica e criatividade no desenho de novos produtos culturais.
- Os seus activos são invisíveis e voláteis: talento, reputação e marca e grande parte da infra-estrutura crítica a estes negócios é exterior às empresas.
- Apresenta um perfil de negócio pouco reconhecido pela banca, investidores e governo, sendo por vezes desvalorizado em detrimento de outras atividades consideradas “mais rentáveis”.⁴

Ao apresentar a sua estratégia para a exploração do potencial das ICC para o crescimento e o emprego, a Comissão Europeia reconhece o desempenho e o potencial económico destas áreas (Comissão Europeia, 2012).

O documento preparado pela *EENC-European Expert Network on Culture* (Pinto C. J., 2012), a pedido da D.G. Educação e Cultura da Comissão Europeia, refere que a despesa prevista para a cultura nas Políticas de Coesão, entre 2007 e 2013, ascende a mais de 6 mil milhões de Euros (1,7% do orçamento total): 3 mil milhões para proteção e preservação do património cultural; 2,2 mil milhões para desenvolvimento de infraestruturas culturais e 775 milhões para apoio a serviços culturais. Se até há bem pouco tempo economia e cultura eram duas dimensões quase inconciliáveis, atualmente “o mercado penetrou a cultura, integrando-a progressivamente em circuitos comerciais alargados de produção e distribuição, ao mesmo tempo que os conteúdos culturais moldam de forma cada vez mais relevante a produção, distribuição e consumo de bens e serviços económicos”.⁵

O comércio internacional de bens e serviços criativos cresceu entre 2000–2005, a uma taxa invejável de 8,7% ao ano, o que coloca as indústrias criativas entre os sectores mais dinâmicos do comércio mundial. De acordo com as Nações Unidas, em 2005, foram exportados 424,4 mil milhões de dólares de bens e serviços criativos, o que representa 3,4% do comércio mundial.

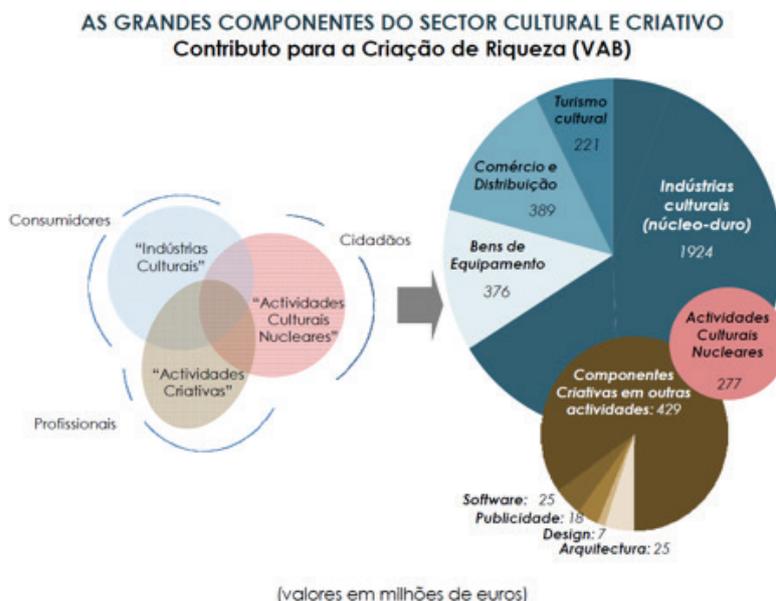
Atualmente, estima-se que as ICC contribuam com cerca de 2,6% do PIB total da União Europeia, empregando mais de cinco milhões de pessoas espalhadas pelos 27 Estados-Membros da União Europeia (Comissão Europeia, 2010).

⁴ FLEMING (Tom) et al, Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte, Fundação Serralves, Julho de 2008.

⁵ Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

Em Portugal, de acordo com o diagnóstico efetuado ao setor⁶, os dados de 2006 mostram que o Sector Cultural e Criativo (SCC):

- É responsável por um Valor Acrescentado Bruto de 3,7 mil milhões de euros, que corresponde a 2,8% da riqueza criada nesse ano, com particular destaque para as indústrias culturais, que são as que mais contribuem para esse valor;



Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

- Entre 2000 e 2006, apresentou uma taxa média de crescimento anual de 2,9%, acompanhando o ritmo da restante atividade económica, sendo de realçar o crescimento evidenciado pelas Atividades Culturais Nucleares (10,9% ao ano), em especial pelas Artes Performativas;

DIMENSÃO E CONTRIBUTO DO SECTOR CULTURAL E CRIATIVO PARA A CRIAÇÃO DE RIQUEZA

Domínio	Sector	Valor Acrescentado Bruto (VAB)						Crescimento Acumulado 2000/2006	Taxa média crescimento anual 2000/2004
		2000		2005		2006			
		Euros	%	Euros	%	Euros	%		
Atividades Culturais Nucleares	Artes Performativas	69.179.646	2,2%	138.185.967	3,8%	143.757.183	3,9%	107,8%	13,0%
	Artes visuais e criação literária	60.260.845	1,9%	99.800.670	2,8%	101.365.606	2,7%	68,2%	9,1%
	Património Histórico e Cultural	19.741.261	0,6%	31.700.414	0,9%	32.372.417	0,9%	64,0%	8,6%
	Atividades Culturais Nucleares (Total)	149.181.752	4,8%	269.687.052	7,5%	277.495.207	7,5%	86,0%	10,9%
Indústrias Culturais	Cinema e vídeo	114.197.227	3,7%	160.930.515	4,5%	164.747.885	4,5%	44,3%	6,3%
	Edição	1.134.385.700	36,5%	1.213.460.978	33,7%	1.263.546.144	34,2%	11,4%	1,8%
	Música	8.238.870	0,3%	7.003.560	0,2%	7.299.921	0,2%	-11,4%	-2,0%
	Rádio e Televisão	462.144.539	14,9%	476.910.165	13,3%	488.177.453	13,2%	5,6%	0,9%
	Bens de equipamento	317.343.331	10,2%	380.972.709	10,6%	375.658.624	10,2%	18,4%	2,9%
	Distribuição/Comércio	326.628.603	10,5%	382.951.788	10,7%	387.855.586	10,5%	18,7%	2,9%
Indústrias Culturais (Total)	2.536.319.044	81,5%	2.831.502.179	78,7%	2.908.158.984	78,8%	14,7%	2,3%	
Atividades Criativas	Arquitectura	14.290.931	0,5%	25.002.608	0,7%	25.440.449	0,7%	78,0%	10,1%
	Design	4.803.925	0,2%	7.344.508	0,2%	7.473.124	0,2%	55,6%	7,6%
	Publicidade	14.040.639	0,5%	17.790.594	0,5%	18.102.140	0,5%	28,9%	4,3%
	Serviços de software	19.108.049	0,6%	22.529.601	0,6%	24.652.049	0,7%	29,0%	4,3%
	Componentes Criativas em outras actividades	373.439.653	12,0%	421.787.226	11,7%	429.356.640	11,6%	15,0%	2,4%
Atividades Criativas (Total)	425.683.197	13,7%	494.454.538	13,8%	505.024.404	13,7%	18,6%	2,9%	
SECTOR CULTURAL E CRIATIVO (Total)		3.111.183.994	100%	3.595.443.769	100%	3.690.678.594	100%	18,6%	2,9%
% no VAB Nacional		2,9%		2,8%		2,8%			

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

⁶ Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

- Absorve cerca de 127 mil empregos (cerca de 2,6% do total nacional), variável que registou um crescimento significativo entre 2000 e 2006 (4,5% face a 0,4% a nível nacional). Relativamente à média da economia, emprega sobretudo pessoas mais jovens e com melhores qualificações.



Fonte: Cálculos AM&A, Quadros Pessoal, MTSS.

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

- Apresenta uma taxa de cobertura de 67%, o que indicia um posicionamento do país sobretudo como consumidor dos produtos do SCC, em detrimento da criação e produção cultural;

COMÉRCIO INTERNACIONAL DE PRODUTOS CRIATIVOS E CULTURAIS
(PORTUGAL E EU-27)

	Exportações (milhões de dólares)				Tx. Crescimento 05/96	
	2005		1996		PT	EU 27
	PT	EU 27	PT	EU 27		
Exp. Cult. Trad.	221	7.404	265	5.670	-17%	31%
Audíovisuais	2	247	0	115	1304%	114%
Design	970	89.932	719	62.139	35%	45%
Música	14	10.945	9	3.643	53%	200%
Novos Media	2	3.940	1	1.787	165%	120%
Edição	54	23.463	40	17.727	35%	32%
Artes visuais	109	9.125	173	5.033	-37%	81%
TOTAL Produtos SCC	1.371	145.056	1.206	96.115	14%	51%

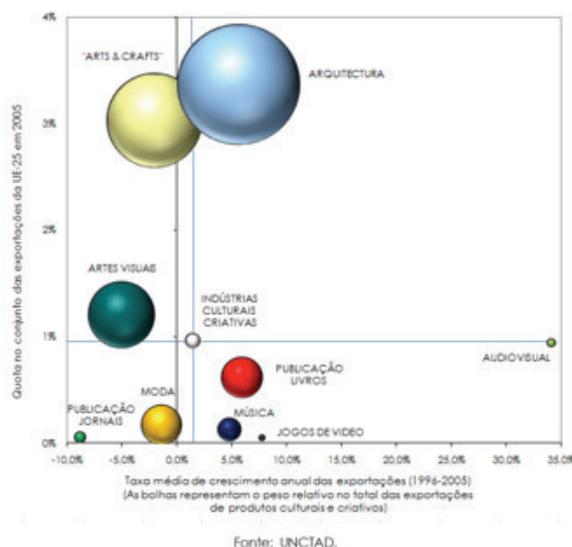
	Importações (milhões de dólares)				Tx. Crescimento 05/96	
	2005		1996		PT	EU 27
	PT	EU 27	PT	EU 27		
Exp. Cult. Trad.	149	9.859	96	6.772	56%	46%
Audíovisuais	3	122	2	96	73%	27%
Design	1.228	85.617	711	49.299	73%	74%
Música	172	9.872	30	2.727	474%	262%
Novos Media	82	5.617	50	2.424	65%	132%
Edição	312	19.245	263	14.883	18%	29%
Artes visuais	89	7.625	52	4.029	71%	89%
TOTAL Produtos SCC	2.034	137.957	1.204	80.230	69%	72%

	2005	1996
Taxa de cobertura das importações pelas exportações (EXP/IMP)	67%	105%
	100%	120%

Fonte: Creative Economy Report 2008, UNCTAD.

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

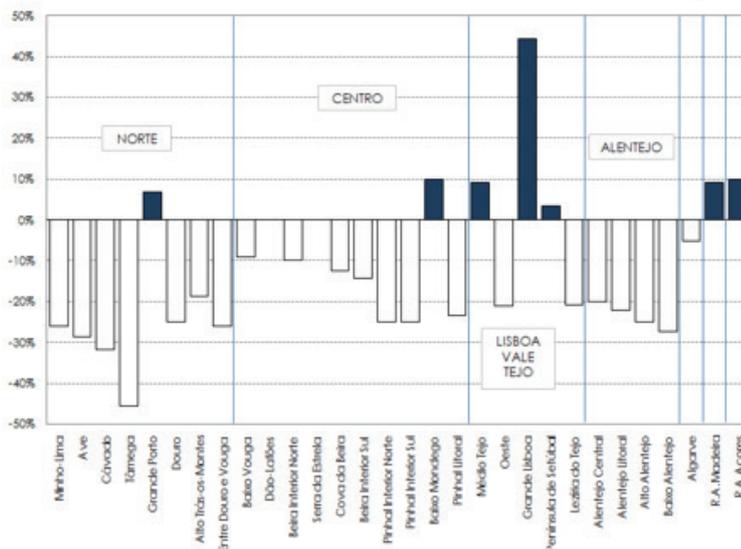
EXPORTAÇÕES PORTUGUESA DE PRODUTOS CRIATIVOS E CULTURAIS
(ESTRUTURA, QUOTA DE MERCADO E TAXA DE CRESCIMENTO)



Fonte: UNCTAD.

- Está concentrado nas regiões de Lisboa e Porto, sendo que 50% dos estabelecimentos se localizam na Grande Lisboa, no Grande Porto e na Península de Setúbal. A análise da especialização regional evidencia as assimetrias existentes e a débil situação em regiões industriais como o Ave, o Cávado, Tâmega, Entre Douro e Vouga, Baixo Vouga e Pinhal Litoral, onde o SCC deveria constituir um importante fator diferenciador dos produtos e gerador de competitividade;

**ESPECIALIZAÇÃO DAS REGIÕES PORTUGUESAS
NO SECTOR CULTURAL E CRIATIVO**
[DIFERENÇA EM % DO PESO RELATIVO DA REGIÃO NOS ESTABELECIMENTOS
DO SECTOR E DA ECONOMIA NACIONAL NO SEU CONJUNTO]

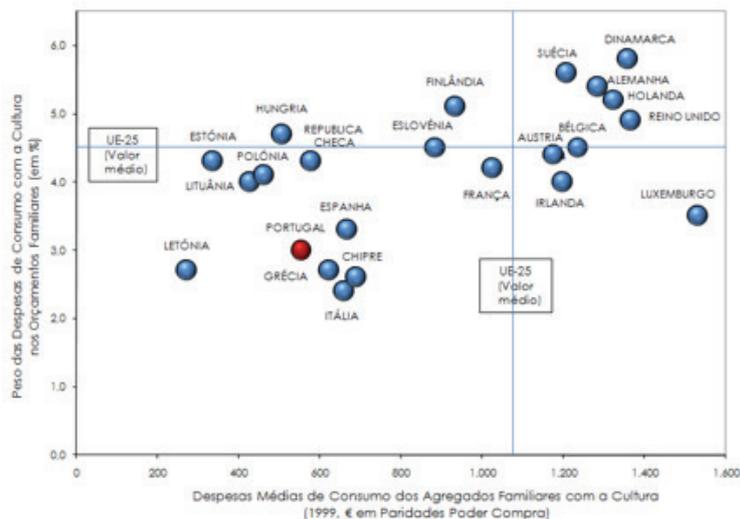


Fonte: Cálculos AM&A, Quadros Pessoal, MTSS.

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

No que concerne à procura, os dados apontam para que Portugal, enquanto país consumidor de cultura, se encontre ainda aquém da média dos seus parceiros europeus, sendo de referir neste ponto a existência de uma correlação positiva entre o desenvolvimento do SCC e o nível médio de vida da população:

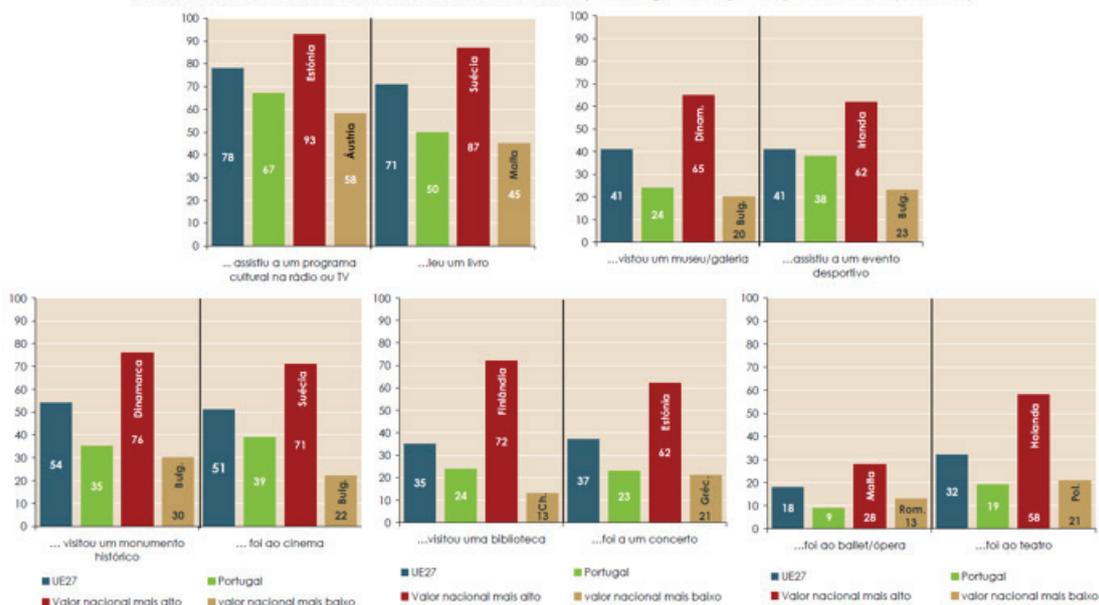
DESPESAS DAS FAMÍLIAS EM CULTURA



Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

Os dados seguintes referem-se a um inquérito sobre a participação em atividades culturais, e corroboram o gráfico anterior, sendo que o país se posiciona nas 4 piores posições da UE27, nos 10 indicadores considerados, com exceção das idas ao cinema, visitas a bibliotecas e assistência a eventos desportivos, sendo os resultados especialmente negativos no que concerne à leitura de livros.

RELEVÂNCIA DOS CONSUMOS CULTURAIS NA UE-27 EM 2007 (Percentagem de Inquiridos que nos Últimos 12 Meses...)



Fonte: European Cultural Values, Special Eurobarometer 278, European Commission

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

Relativamente à despesa pública em cultura, esta ascendia, em 2005, a 1,2 mil milhões de euros, sendo de 23,9% o peso da Administração Central na Cultura, onde são relevantes, designadamente as despesas com a conservação e valorização do património e com as artes visuais e os espetáculos.

DESPESA PÚBLICA EM CULTURA NA UNIÃO EUROPEIA

País	Despesa pública em cultura (milhões de euros)	Despesa pública em cultura per capita (euros)	Peso da administração central no total da despesa pública em cultura (%)
Alemanha (2007)	8322.0	101.0	14.7
Áustria (2006)	2105.9	254.8	32.6
Bélgica (2002)	3057.7	284.7 (a)	51.7
Bulgária (2007)	203.7	20.9	58.3
Dinamarca (2006)	1910.5	352.0	63.6
Eslóvaquia (2006)	224.0	41.5	53.5
Eslóvenia (2007)	271.9	134.6	61.0
Espanha (2005)	5144.9	119.6	15.2
Estónia (2007)	235.3	175.3	57.4
Finlândia (2005)	861.2	167.7	57.2
França (2002)	12000.0	197.2	51.0
Grécia (2006)	360.9	32.0	n.d.
Holanda (2006)	2981.0	183.0	35.0
Hungria (2007)	735.2	73.1	23.6
Itália (2000)	6754.2	112.0	52.2
Letónia (2007)	329.9	144.6	57.3
Lituânia (2004)	119.4	34.7	57.5
Malta (2007)	2.4	39.7	100.0
Polónia (2007)	1558.9	35.7	21.0
Portugal (2005)	1200.4	112.9 (a)	23.9
Roménia (2005)	283.7	13.2 (a)	44.0
Reino Unido (2004)	8833.1	143.4 (a)	34.1
Suécia (2005)	1986.3	219.9	47.9

Notas: (a) Estimativa calculada com base na população residente em 2009; Dados não disponíveis para Irlanda, Luxemburgo, República Checa e Chipre.

Fonte: Compendium - Cultural Policies and Trends in Europe

Fonte: Augusto Mateus & Associados, O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, Julho de 2009

O reconhecimento de iniciativas nacionais

As indústrias criativas são consideradas importantes para o desenvolvimento económico e social podendo contribuir para o reforço da competitividade das regiões, sendo de destacar:

- A sua relação com o Turismo: o número de turistas culturais tem vindo a crescer, o que num país com vasto património histórico e arquitetónico, constitui uma oportunidade para a criação de destinos turísticos únicos, designadamente associados a experiências criativas com forte componente interativa;
- O impacto das indústrias criativas, do turismo cultural e do marketing cultural na dinamização, regeneração económica, na regeneração urbana (arquitetura), na competitividade e projeção internacional dos centros históricos e das cidades;
- A existência de uma classe de “pessoas criativas”, com espírito empreendedor, com competências, informação, conhecimento e talento capazes de potenciar a inovação e aposta na tecnologia;
- O contributo das indústrias criativas para a criação de produtos com características distintas e valor acrescentado, que os possam tornar competitivos, alguns dos quais em setores relevantes para a economia nacional, como o mobiliário ou as indústrias dos têxteis, vestuário e calçado, onde o design, as marcas e a publicidade assumem um papel cada vez mais significativo;
- A articulação das indústrias criativas com as tecnologias de informação e comunicação, que coloca verdadeiros desafios, não só em termos de criação e procura de novos conteúdos, como de novas formas de interação, transformando modelos de consumo e formas de comunicação, divertimento e lazer.

Existem casos a nível local e regional identificados onde “os investimentos estratégicos nestes sectores obtiveram resultados espetaculares. Em especial, eventos como festivais e as Capitais Europeias da Cultura produzem importantes benefícios económicos que, por vezes, induzem ganhos superiores a dez vezes cada euro investido” (Comissão Europeia, 2012).

Neste contexto importa destacar alguns factos sobre a realidade portuguesa:

- Lisboa é citada no relatório europeu para a competitividade de 2010 (Comissão Europeia, 2010) como uma das cidades europeias onde a prevalência de indústrias criativas (medida pelo emprego) é superior que à da média nacional⁷.

⁷ A proximidade geográfica (*geographical clustering*) parece ser uma característica importante para caracterizar as ICC, na medida em que os produtores de bens e serviços criativos tendem a localizar-se próximos uns dos outros. De acordo com o europeu para a competitividade de 2010, diversos estudos mostram que a “classe criativa” (atividades criativas e profissionais criativos) estão fortemente concentrada nas áreas urbanas e metropolitanas. O “Quociente de localização” é a medida utilizada para avaliar a especialização das cidades, sendo que quando este quociente é igual a “1”, então o peso do emprego nas indústrias criativas da cidade avaliada é equivalente ao da restante economia nacional; quando o quociente é superior a “1”, então o peso do emprego nas indústrias criativas da cidade avaliada é mais prevalente que na restante economia nacional (Lisboa apresentava um quociente de 1,9).

- “Óbidos Criativa”⁸, um projeto (que pretende tornar Óbidos numa vila criativa, ecológica e rica) foi citado como uma boa prática no relatório da rede CREA.RE⁹ (rede europeia de autoridades locais e regionais visando um melhor envolvimento das indústrias culturais e criativas em programas regionais da U.E.).
- Iniciativas portuguesas destacadas no relatório do grupo de peritos da OMC¹⁰ sobre a maximização do potencial da ICC:
 - Programa INOV-ART (Ministério da Cultura)¹¹
 - InSerralves¹²
 - InovContacto¹³
- A criação, em 2009, na sequência do primeiro ciclo de reconhecimento de Estratégias de Eficiência Coletiva, do Cluster das Indústrias Criativas na Região do Norte, com o objetivo de reforçar a massa crítica do capital criativo da região, em torno de três eixos estratégicos: capacidade e empreendedorismo criativos, crescimento dos negócios criativos e atratividade dos lugares criativos, e que, entre empresas, agentes da política cultural, entidades do SCT, conta com associados das diferentes áreas do setor.
- Nos últimos anos, 3 cidades portuguesas foram selecionadas para acolher a capital europeia da Cultura¹⁴:
 - Guimarães (2012)
 - Porto (2001)
 - Lisboa (1994)

Potencial nacional para a inovação em ICC

A informação disponibilizada pelo Eurostat¹⁵ mostra que podem existir em Portugal boas perspetivas no que respeita à constituição de stocks de competências de alto nível nas áreas ligadas às ICC:

- A percentagem de alunos inscritos em cursos superiores em áreas ligadas à cultura está acima da média U.E.;

⁸ http://www.pt-obidos.com/?page_id=684

⁹ CREA.RE (2012)

¹⁰ OMC (2010)

¹¹ <http://www.dgartes.pt/inov-art/index3.htm>

¹² <http://www.inserralves.pt/pt/>

¹³ <http://www.portugalglobal.pt/PT/InovContacto/Paginas/InovContactoHomepage.aspx>

¹⁴ http://ec.europa.eu/culture/our-programmes-and-actions/doc459_en.htm

¹⁵ Dados para ano letivo 2007/2008 (Eurostat (2011))

- Na “Arquitetura e construção” e nas “Artes”, a proporção de alunos inscritos em cursos superiores (respetivamente, 7,7% e 5,2%) está bem acima da média U.E. 27 (3,9% e 3,8%, respetivamente);

Cultura e os fundos estruturais

Na afetação de fundos do QREN, os fundos para cultura (328 Milhões de Euros) representam 2,2% do total FEDER e Fundos de Coesão (CF), uma taxa de afetação que está em linha com a média europeia (1,7%). Até julho de 2011 foram implementados 1109 projetos culturais e criativos (310,4 M Euros QREN, não estão contabilizados nestes valores os Açores e a Madeira, e os fundos provenientes do FSE e de outros programas de cooperação territorial europeia) (Pinto C. J., 2012).

Na dimensão regional, todos os PO regionais afetam recursos significativos à cultura, com destaque para o da região Norte que investe cerca de 4,6% do total de fundos (Pinto C. J., 2012).

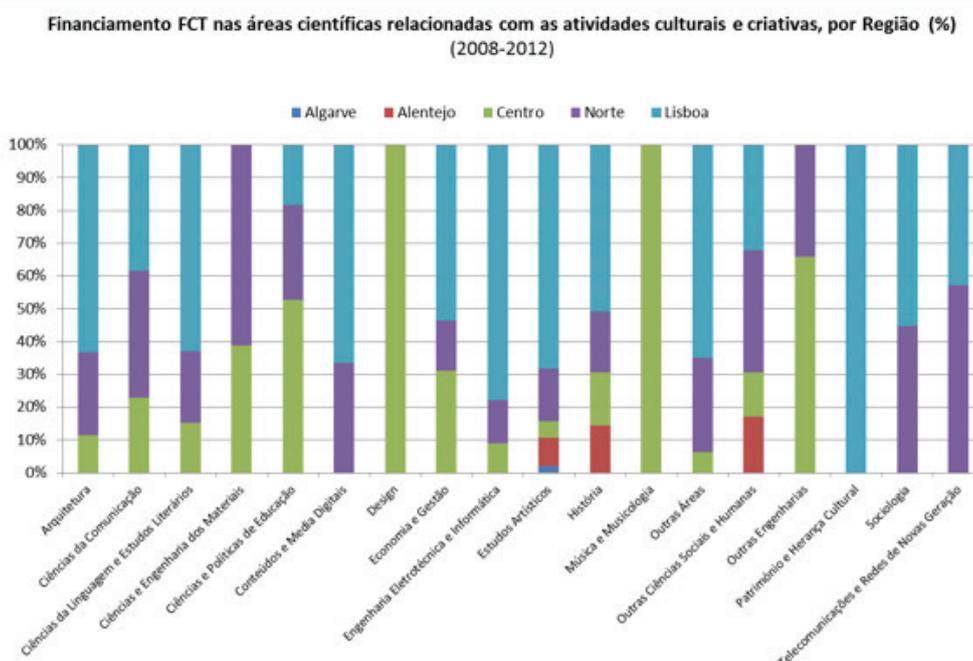
I&D financiada pela FCT em áreas relacionadas com as ICC

Entre 2008 e 2012 o financiamento de projetos de I&D, pela FCT, nas áreas relacionadas com as ICC representa cerca de 8% do total do financiamento atribuído a projetos:

- As áreas com maior proporção de financiamento foram:
 - “Engenharia eletrónica e informática” (29%),
 - “Ciências da linguagem e Estudos literários” (19%)
 - “Estudos artísticos” (17%)
 - “Arquitetura” (10%)
 - “História” (6%)
 - “Conteúdos e Media digitais” (5%)
 - “Ciências da Comunicação” (5%)
- As áreas com maior número de projetos financiados foram:
 - “Estudos artísticos” (56)
 - “Ciências da linguagem e Estudos literários” (53)
 - “Arquitetura” (36)
 - “Ciências da Comunicação” (28)
 - “História” (16)

- “Engenharia eletrónica e informática” (12)
- “Conteúdos e Media digitais” (12)
- Lisboa recebe a grande maioria do financiamento (62%), seguida da região Norte (22%) e Centro (13%). Esta distribuição confirma-se quando se considera o número de projetos financiados.

Pela distribuição do financiamento atribuído em cada área por região é possível perspetivar algum tipo de especialização regional do financiamento da FCT a projetos de I&D nas áreas relacionáveis com as ICC:



Fonte: FCT (9.10.2013)

Síntese das potencialidades, fraquezas, oportunidades e desafios para as ICC em Portugal

Recorrendo uma vez mais ao estudo da EENC (Pinto C. J., 2012) e à análise SWOT aí apresentada, é possível caracterizar de forma sintética o estado das ICC em Portugal, nomeadamente considerando a sua integração enquanto objeto de financiamento dos programas dependentes dos fundos estruturais:

Forças

- No período entre 2007 e 2003, as ICC em Portugal receberam apoio do QREN – um reconhecimento positivo do lugar da cultura em diferentes programas temáticos e regionais.
- Existe um reconhecimento crescente, nos últimos anos – fora e dentro do campo cultural – da importância económica e social das ICC.
- O potencial da cultura nas estratégias de desenvolvimento regional tem sido apoiado, com recurso a investimentos em infraestruturas culturais (objetivos de política urbana integrada) e tendo em conta a sua capacidade para criar novo emprego e desenvolvimento económico (indústrias criativas).
- Os investimentos apoiados pelos fundos europeus (sobretudo em infraestruturas técnicas de Museus, Bibliotecas, Teatros e centros culturais) contribuíram para a existência de uma rede cultural densa e atualizada.
- O setor cultural abriu-se à cooperação, gerando efeitos colaterais e benefícios noutras áreas como o desenvolvimento urbano, económico e a inclusão social.
- A integração da cultura no QREN permitiu novas formas de comunicação e cooperação interdepartamental, sobretudo entre instituições culturais e económicas.
- Uma nova geração de PME das indústrias criativas iniciou, nos últimos anos, atividades na área dos serviços do Património, digitalização, desenvolvimento local, Design, educação e formação artística, audiovisual, turismo cultural, etc. Empresas que apostam na excelência de serviços e produtos, influenciam claras noutros setores.
- A presença do Terceiro Sector (associações, fundações, suas redes e outras ONG's) no setor cultural em Portugal é importante, especialmente nas regiões de convergência e nas áreas tradicionais da cultura.
- As ICC integram nos seus recursos humanos alguns dos portugueses mais qualificados.
- Existem algumas redes profissionais no setor cultural e criativo (SCC), sobretudo ao nível regional e inter-regional (artes performativas e artes visuais, património) que têm revelado capacidade para implementar projetos com sucesso.
- Existe um claro reconhecimento da Cultura e da Criatividade (juntamente com a Inovação, entendida no seu sentido mais lato) com recursos fundamentais para o desenvolvimento de Portugal.

Fraquezas

- Os *stakeholders* que estão fora do SCC tendem a desvalorizar o investimento na cultura.
- Ainda que se tenham instalado muitos projetos orientados para a cultura nos programas regionais e temáticos, estes continuam a não ser reconhecidos como tal, desvalorizando-se ainda mais a cultura.
- A maior parte do investimento tem sido realizado em infraestruturas.
- São raras as experiências de implementação e financiamento de projetos que ligam a cultura a outros sectores. Muitos projetos tendem a ser orientados numa “perspetiva de património”, não tendo tanto em consideração as questões de sustentabilidade económica e social.
- A maior parte dos fundos estruturais gastos em cultura, entre 2007 e 2013, podem não se traduzir numa cultura sustentada pelo “mecenato público” (o que tende a isolar a política cultural, a dificultar a intervenção da “sociedade civil” e as abordagens “bottom-up” e pode criar dificuldades na promoção de atividades e negócios de caráter mais contemporâneos). Assuntos como a governação e a sustentabilidade acabam por não receber a devida atenção.
- Não existe uma cultura de controlo da qualidade e de monitorização sistemática de projetos culturais e criativos.
- A maior parte das instituições culturais portuguesas tendem a ter défice operacional. A construção de infraestruturas culturais financiada pelos fundos estruturais pode eventualmente ter aumentado o risco de aparecimento de investimentos menos rentáveis, por uma eventual subestimação das exigências de longo prazo dos investimentos culturais.
- As instituições públicas e privadas têm maiores dificuldades na mobilização de cofinanciamento para a utilização dos fundos estruturais (principalmente em regiões de convergência).
- Embora o sector criativo e cultural detenha recursos humanos altamente qualificados, continuam a faltar empreendedorismo e competências para negócios. A formação em gestão e economia cultural continua fraca e escassa.
- A cultura de cooperação na sociedade portuguesa é ainda frágil quer na sociedade civil, estado, terceiro setor, quer no setor empresarial. A ausência de cooperação e articulação sistemática dos esforços pode levar a um uso ineficiente de recursos.
- A cultura e as atividades criativas ainda têm um baixo grau de internacionalização e em grande parte desligadas dos mercados emergentes.
- As ligações entre o que é chamado o setor empresarial e o SCC continuam ainda fracas. Não existem muitas experiências de implementação deste tipo de projetos. Acresce que a maioria da I&D universitária ainda não tem mecanismos estabelecidos para a transferência para as empresas e a sociedade em geral.

Oportunidades

- O novo Acordo de Parceria entre a Comissão Europeia e Portugal:
 - pode trazer novas abordagens, colocando a cultura como um elemento-chave do desenvolvimento sustentável, contribuindo para uma nova conceção de cultura, essencialmente com base em conteúdo e em valores de imateriais; parcerias público-privadas; e integrando projetos intersectoriais;
 - pode oferecer uma ampla variedade de pontos de entrada para a cultura; se isto for explicitamente assumido por todos os futuros programas operacionais então os projetos culturais verão aumentar as oportunidades de financiamento e pode levar a um reconhecimento de que as estratégias de desenvolvimento baseadas na cultura são políticas adequadas e legítimas.
 - por via da estratégia de especialização inteligente, trará boa oportunidade para ligar atores culturais de um território específico, a trabalhar juntos nos tópicos com maior potencial para promover a inovação e reforçar os ativos mais importantes para a competitividade da região/área.
 - porque promove o envolvimento de um amplo espectro de diferentes atores e as partes interessadas na conceção e implementação de conceitos de desenvolvimento regional. Os agentes culturais como “agentes de mudança” devem aproveitar esta oportunidade envolvendo-se estrategicamente desde o início.
- As estratégias de política regional tenderão a ser mais propensas a integrar, abordagens holísticas, intersectoriais, e isso beneficiará a cultura.
- Existe um aumento do interesse social nas ligações entre cultura e economia, e isso pode traduzir-se em novos projetos e oportunidades.
- Os programas comunitários, incluindo os fundos estruturais, podem ser utilizados estrategicamente para promover o potencial da cultura para os objetivos de desenvolvimento local, regional e nacional e os efeitos colaterais diretos e indiretos sobre a economia em geral.
- A crise económica e financeira pode gerar uma vontade de tentar implementar novas parcerias, combinando instituições públicas e privadas e, portanto, ajudando a redefinir modelos de gestão e de economia da cultura.

Desafios

- A crise económica e financeira atual pode atingir o sector da cultura em Portugal, com cortes nos orçamentos nacionais e locais, tornando difícil o estímulo da procura de outros setores, de produtos e serviços das indústrias criativas.

- As indústrias criativas são na sua maioria ainda incipientes e dependência do Estado ainda é forte, dado que frequente são as instituições culturais públicas os principais clientes de algumas dessas empresas. A diminuição brusca dessa dependência pode afetar a capacidade do setor público na área cultural em inovar e adaptar-se a novos desafios.
- As ICC devem ser compreendidas e aceites pelas instituições públicas e privadas como um sector económico importante, em termos de inovação, de criação de emprego e de internacionalização (incluindo o turismo).
- Há tendência para se concentrar uma elevada percentagem de recursos num número reduzido de projetos sem existir evidencia de que esta estratégia é a que produz os melhores e mais relevantes impactos (exemplo, o caso das infraestruturas culturais, onde Portugal precisa de apoio para fazer uma transição da economia tradicional, com forte valor “patrimonial” e identidade cultural, para uma economia moderna e sustentável, baseada na promoção de todas as formas de criatividade).
- O acesso das ICC ao financiamento é limitado (o setor parece estar desligado dos mecanismos tradicionais de financiamento, criados para apoiar as PME e as novas formas de produção).
- Há necessidade de uma abordagem mais integrada e sistemática para que o sistema cultural e criativo Português possa responder mais eficazmente aos novos desafios territoriais, em todos os níveis. Continua insuficiente a ligação entre infraestruturas e projetos.
- A ausência de uma cultura de parceria e cooperação ainda é uma grande ameaça para as estratégias de desenvolvimento de Portugal.

Referências

Augusto Mateus & Associados (2009), O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Relatório Final, AM&A, Julho de 2009

Comissão Europeia (2012) “Promover os setores culturais e criativos ao serviço do crescimento e do emprego na EU”, Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões (COM(2012) 537 final); Bruxelas; 29.09.2012 (<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2012:0537:FIN:PT:PDF>)

Comissão Europeia (2010); *European Competitiveness Report 2010* (<http://bookshop.europa.eu/en/european-competitiveness-report-2010-pbNBAK10001/>)

CREA.RE (2012); “Measuring economic impact of CCI policies / How to justify investment in cultural

and creative assets”

(http://www.crea-re.eu/wp-content/uploads/2012/05/Measuring-economic-impact-of-CCIs-policies_final_CREARE.pdf)

Eurostat (2011); “Cultural statistics – Pocketbooks EUROSTAT – 2011 edition”

(http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/product_details/publication?p_product_code=KS-32-10-374)

FLEMING (Tom) et al, Estudo Macroeconómico – Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte, Fundação Serralves, Julho de 2008.

OMC (2010); “OMC – Expert Working Group on maximising the potential of Cultural and Creative Industries, in particular that of SMEs – Final report”; June 2010

(http://ec.europa.eu/culture/documents/eu_omc_wg_cci_final_report_june_2010.pdf)

Pinto C. J. (2012); “Culture and the Structural Funds in Portugal”; EENC (European Expert Network on Culture); Setembro 2012

(<http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/documents/report-structural-funds-portugal.pdf>)